

O GOVERNO moçambicano tem a intenção de avançar com a implementação do programa de reconstrução pós-cheias abarcando simultaneamente todos os diversos sectores de actividade e as áreas atingidas pelas catástrofes que afectaram o país nos primeiros meses do corrente ano. Esta informação foi prestada ontem, em Maputo, pelo Presidente da República, Joaquim Chissano, momentos após o seu regresso da capital italiana, Roma, onde chefiou uma delegação que participou na Conferência Internacional para a Reconstrução de Moçambique, tendo obtido a promessa dos doadores de disponibilizarem donativos na ordem de 452.9 milhões de dólares norte-americanos.

“Agora, com aquilo que nós temos, vamos tentar trabalhar tudo ao mesmo tempo. Cada sector tem os meios, cada sector pode começar a trabalhar. Aliás, o trabalho de reassentamento da população já se iniciou, o trabalho da agricultura também já começou, a distribuição de sementes já começou, portanto, cada sector agora poderá trabalhar”, disse o Presidente Chissano.

O Chefe do Estado afirmou ainda que o montante conseguido em Roma, “é um número não

Assegurados fundos para a reconstrução

Vamos tentar trabalhar em tudo ao mesmo tempo

– afirma Presidente Joaquim Chissano, momentos após o regresso de Roma

PAULO DA CONCEIÇÃO

definitivo, porque alguns países ainda vão declarar a sua contribuição. Há países que participaram e que não declararam ainda a sua contribuição e outros que declararam, mas que disseram que ainda não era tudo o que tinham para dar e que, por isso, haviam de dar mais”.

O Presidente Joaquim Chissano, que falava numa conferência de imprensa bastante concorrida, quando questionado pela nossa Reportagem sobre qual seria a prioridade na aplicação dos fundos resultantes da Conferência de Roma, afirmou que “o programa está tão bem feito, é de tal maneira coerente que seria difícil começarmos por um aspecto e deixarmos outros.

Se não houvesse fundos suficientes, teríamos que reflectir realmente e começarmos por aquilo que seria mais premente. Dou um exemplo, para clarificar melhor o que estou dizendo: temos, por exemplo, a ligação entre Chicumbane e Xai-Xai, mas, ao mesmo tempo, temos várias infra-estruturas hospitalares destruídas no Chókwè, há falta de energia também. Qual seria aqui a prioridade? Se não houvesse dinheiro tínhamos que começar por algum sítio, mas havendo dinheiro, realmente não faz sentido dizer que há uma prioridade maior que a outra. A educação é necessária, as crianças estão aí ao relento, não têm livros, ao mesmo tempo, a co-

municação com Xai-Xai é vital, porque não há uma assistência fácil para a cidade de Xai-Xai”, explicou.

Recordou igualmente haver uma necessidade que é muito premente, na zona de Machanga, onde é preciso reactivar a vida social.

O Chefe do Estado apontou também o facto de a implementação do programa de reconstrução pós-cheias estar condicionada igualmente à “determinação que os doadores quiserem dar. Há alguns que podem dar o seu auxílio direccionado para um determinado objectivo dentro do programa e, então, tudo vai depender do calendário que cada um dos doadores esta-

belecer para a disponibilização dos fundos. Se chegar alguém que me dê agora dinheiro para a reconstrução da linha férrea, poderia dizer que não é a prioridade, mas não posso desviar esse dinheiro para ir reconstruir a estrada de Xai-Xai, tenho que construir a linha férrea, porque é para isso que ele me deu e não me falta dinheiro para a reconstrução da estrada de Xai-Xai, porque há-de vir, pode demorar alguns dias. É assim que vamos trabalhar”, disse o Presidente.

Questionado sobre a previsão do desembolso dos fundos pela comunidade internacional, Joaquim Chissano disse que tudo dependerá dos países do-

adores, uma vez que têm que completar os trâmites legais exigidos para o efeito nos respectivos países. “Por exemplo, os Estados Unidos da América, que declararam a sua contribuição com 131 milhões de dólares, nós sabemos que este montante ainda terá que ser ratificado no Congresso, antes de poder ser disponibilizado. E outros países têm mecanismos legais que têm que seguir nos respectivos países. Portanto, a essa pergunta só os doadores é que poderão responder”, frisou.

O estadista moçambicano afirmou na ocasião que o programa que o Governo levou para Roma apontava para 450 milhões de dólares, mas que o re-

sultado foi de 452.9 milhões de dólares. Como considerávamos que 450 milhões de dólares era o mínimo, achamos que foi um sucesso”.

O Presidente Chissano chamou, entretanto, a atenção para o facto de que o que o Governo obteve em Roma, “não é demais. Também é necessário, e estamos certos de que durante a realização do programa vão surgir muitos problemas que não foram mencionados no programa, porque também não queríamos sobrecarregar o programa com elementos que não pudéssemos ainda justificar concretamente e elementos que não pudéssemos ter certeza de poder levar a cabo. Mas, à medida que o programa for sendo aplicado, vão surgir, certamente, novas exigências que assim já podemos encarar com esta generosidade da comunidade internacional”, disse.

De recordar que antes de Roma, o Presidente Chissano esteve em Berlim, onde participou num fórum África Austral/Alemanha, com o objectivo de promover, particularmente, o relacionamento empresarial entre a África Austral e a Alemanha, e na Argélia, juntamente com alguns outros Chefes de Estado, com o objectivo de analisar o conflito na República Democrática do Congo.